

## DUAS ESTRATÉGIAS BRUTALISTAS PARA A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

Guilherme Essvein de Almeida

ULBRA, Av. Farroupilha, nº 8001, Canoas/RS, Brasil, [arquitetoguilhermedealmeida@gmail.com](mailto:arquitetoguilhermedealmeida@gmail.com)

Marcos Flávio Teitelroit Bueno

ULBRA, Rua Universitária 1900, Torres/RS, Brasil, [marcosmftb@gmail.com](mailto:marcosmftb@gmail.com)

Samantha Sonza Diefenbach

ULBRA, Av. Farroupilha, nº 8001, Canoas/RS, Brasil, [samantha.diefenbach@gmail.com](mailto:samantha.diefenbach@gmail.com)

## RESUMO

Este trabalho procura apresentar e desenvolver análise crítica sobre dois projetos para sedes da Caixa Econômica Federal, realizados na década de 1970 pelo escritório do arquiteto gaúcho Jorge Decken Debiagi. Ambas localizam-se na cidade de Porto Alegre, nos bairros Cidade Baixa (1973) e Petrópolis (1974) e apresentam estratégias projetuais que se aproximam das pesquisas do brutalismo.

A primeira delas, localizada na rua José do Patrocínio, apresenta cobertura em concreto aparente suportada por quatro apoios. O edifício tem certo destaque do entorno, por sua volumetria e situação de esquina. A planta se acomoda na irregularidade do lote, em que a cobertura quadrada paira como elemento unificador.

A segunda localiza-se na avenida Protásio Alves e apresenta situação diversa, em terreno de meio de quadra. Deste modo, o edifício é percebido mais em termos de plano, fachada. O programa se acomoda em três pavimentos: subsolo, térreo e superior. A estratégia geral de projeto adota duas empenas cegas nas divisas, cujo espaço interno é iluminado e ventilado através das fachadas frontal e posterior, bem como por claraboias.

Sendo assim, este artigo pretende analisar as duas estratégias adotadas, de maneira individual e comparativa. Para isso, a apresentação dos projetos é desenvolvida com material de fonte primária, pesquisado diretamente no escritório do autor. Tal análise é complementada com as possíveis relações com a arquitetura brutalista que estava se desenvolvendo na época, nacional e internacionalmente.

**Palavras-chave:** Arquitetura Moderna. Brutalismo. Caixa Econômica Federal.

## ABSTRACT

This paper seeks to present and develop critical analysis on two projects for headquarters of Caixa Econômica Federal, conducted in the 1970's by the architect's office Jorge Decken Debiagi. Both are located in the city of Porto Alegre, in the neighborhoods Cidade Baixa (1973) and Petrópolis (1974) and present strategies approaching the research of brutalism.

The first, located on José do Patrocínio street, presents coverage exposed concrete supported by four columns. The building has a certain highlight of the surroundings, in volume and position of the corner. The plant accommodates the irregularity of the lot, where the coverage looms as a unifying element.

The second is located on Protásio Alves avenue and presents different situation, on ground mid-block. Thus, the building is understood more in terms of flat facade. The program accommodates three floors: basement, ground floor and above. The project adopts two gables blind in currencies whose internal space is lit and ventilated through the front and rear facades, as well as skylights.

Therefore, this article aims to analyze the two strategies adopted, individually and comparative. For this, the submission of the projects is developed with primary source material, researched directly in the office of the author. This analysis is complemented with the possible relations with the brutalist architecture that was developing at the time, nationally and internationally.

**Keywords:** Modern Architecture. Brutalism. Caixa Econômica Federal.

# DUAS ESTRATÉGIAS BRUTALISTAS PARA A CAIXA ECONÔMICA FEDERAL

## O ARQUITETO

Jorge Decken Debiagi estudou de 1960 a 1966 na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esta, fundada em 1952, era o resultado da fusão dos dois cursos de Arquitetura da capital gaúcha: um vinculado à Escola de Engenharia, que preconizava uma abordagem racional do projeto; e outro à Escola de Belas Artes, que tomava como modelo a experiência realizada no centro do País, utilizando aquele repertório de elementos e arranjos. Nesse momento, “formavam-se os primeiros arquitetos locais, constituindo gradualmente uma geração de jovens profissionais alinhados à “causa moderna” de modo quase compulsório”<sup>1</sup>. Segundo LUCAS (2010, p.46-65), os egressos adotaram inicialmente a sintaxe corbusiana da Escola Carioca, e, em seguida (final da década de 1950), adaptaram-se ao padrão sintético do modelo mieseano inspirado pelo projeto vencedor do concurso do Palácio Legislativo do Estado, de 1958, proposto pela equipe paulistana de jovens arquitetos Wolfgang Schöedon e Gregório Zolko.

Ainda estudante, teve contato com os projetos da Caixa Econômica Federal, no cargo de desenhista. Já formado, em 1969, viaja para a capital da Polônia, onde realiza estágios profissionais nos ramos do planejamento urbano e pré-fabricação. Ao retornar obtém o título de Urbanista em 1970, da conclusão do curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura da UFRGS. É neste período que o escritório do arquiteto, AUA - Arquitetos e Urbanistas Associados, passa a trabalhar praticamente de maneira exclusiva para a Caixa Econômica Federal, durante o início da década de 1970. Ao total são 31 projetos de Arquitetura de Interiores e 30 projetos de sedes propriamente ditas, nos Estados do Rio Grande do Sul, São Paulo e Distrito Federal, entre os anos de 1969 e 1981. Cabe destacar a linguagem predominantemente brutalista que se mostra na maioria das propostas, em que se lança mão da expressividade natural dos materiais e de certo apelo estrutural. Linguagem esta que, segundo o próprio arquiteto, era a mais difundida no período de sua formação na Faculdade de Arquitetura<sup>2</sup>.

Dentre os mais destacados projetos deste período se encontra a sede da rua José do Patrocínio, em Porto Alegre (1973), um dos objetos de análise deste texto. Também são creditadas ao escritório as sedes da rua Otávio Rocha, da rua dos Andradas e do bairro Petrópolis, também analisada neste trabalho, todas na capital gaúcha. A sede de Torres (fig.1) comparece dentre os projetos para o interior do Estado, como as filiais de Alegrete, Quaraí, Itaquí, São Borja, São Luiz Gonzaga, Ibirubá, Estância Velha, Camaquã (fig.2), Rio Grande e Jaguarão.

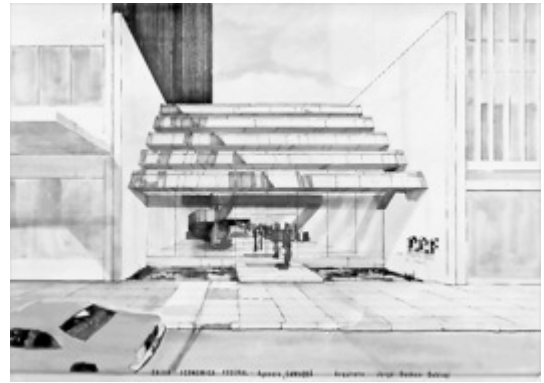


fig. 1 - Agência CEF Torres/RS. Escritório Jorge Decken Debiagi, 1976. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

fig. 2 - Agência Camaquã/RS. Escritório Jorge Decken Debiagi, 1973. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

No Estado de São Paulo destaca-se o projeto para o “Edifício Sede 2” (1977), no Largo da Concórdia, na capital. Ainda, dos bairros Casa Verde (fig.3) e Pinheiros, ambos de 1979. No interior paulista, as agências Borba Gato (fig.4) em Santo Amaro, bem como a Jabaquara em Santos e São Bernardo do Campo, também do mesmo ano. No Distrito Federal o escritório é responsável pela sede filial de Brasília (1980).

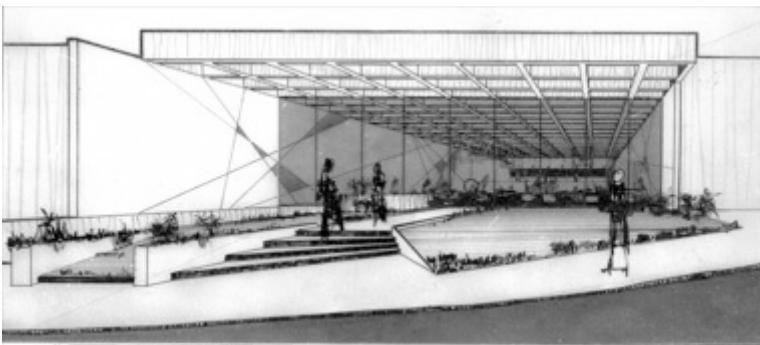


fig. 3 - Agência CEF Casa Verde, São Paulo/SP. Escritório Jorge Decken Debiagi, 1979. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

fig. 4 - Agência CEF Borba Gato, Santo Amaro/SP. Escritório Jorge Decken Debiagi, 1979. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

Importa salientar que todos estes projetos contam com a fundamental participação do arquiteto José Carlos Barcellos Campos<sup>3</sup>, formado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFRGS em 1972, que foi colaborador do escritório AUA entre os períodos de 1972 a 1986 e 1990 a 1992.

O arquiteto Jorge Decken Debiagi continua atuando em escritório próprio, onde realiza projetos dos mais diversos portes, que transitam do caráter residencial ao urbanístico. Ao longo de mais de 40 anos de atuação profissional, o arquiteto também foi presidente do IAB - Instituto de Arquitetos do Brasil (1974-1975), Secretário de Estado - Planejamento Territorial e Obras (1991 - 1994), Assessor da Câmara de Vereadores de Porto Alegre (1999-2000) e Vice-Presidente da ASBEA/RS - Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura (2004-2012).

## OS PROJETOS

Este trabalho apresenta e analisa dois projetos para sedes da Caixa Econômica Federal realizados na década de 1970. Ambos localizam-se no município de Porto Alegre e sediam as agências dos bairros Petrópolis (1973) e Cidade Baixa (1974). Os bairros em questão foram oficialmente constituídos em 1959, no mesmo ano em que foi criado o Plano Diretor de Porto Alegre. Este plano foi consolidado em 1961, modificado em 1966 e, substituído pelo 1º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano em 1979<sup>4</sup>.

Segundo ABREU FILHO (2006, pág. 222), o Plano Diretor de Porto Alegre de 1959, “ideologicamente, é parcialmente tributado na cidade moderna pregada pelos CIAM e consolidada na Carta de Atenas: zoneamento rigoroso das funções urbanas, morfologia baseada no edifício isolado, controle da ocupação e do aproveitamento dos lotes, visão funcionalista e sistêmica”. Fato que favoreceu a implantação dos projetos de acordo com a linguagem e uso. O primeiro em função do regime urbanístico proposto; e o segundo porque ambos foram localizados em vias de uso misto – residencial e comercial (fig.5).

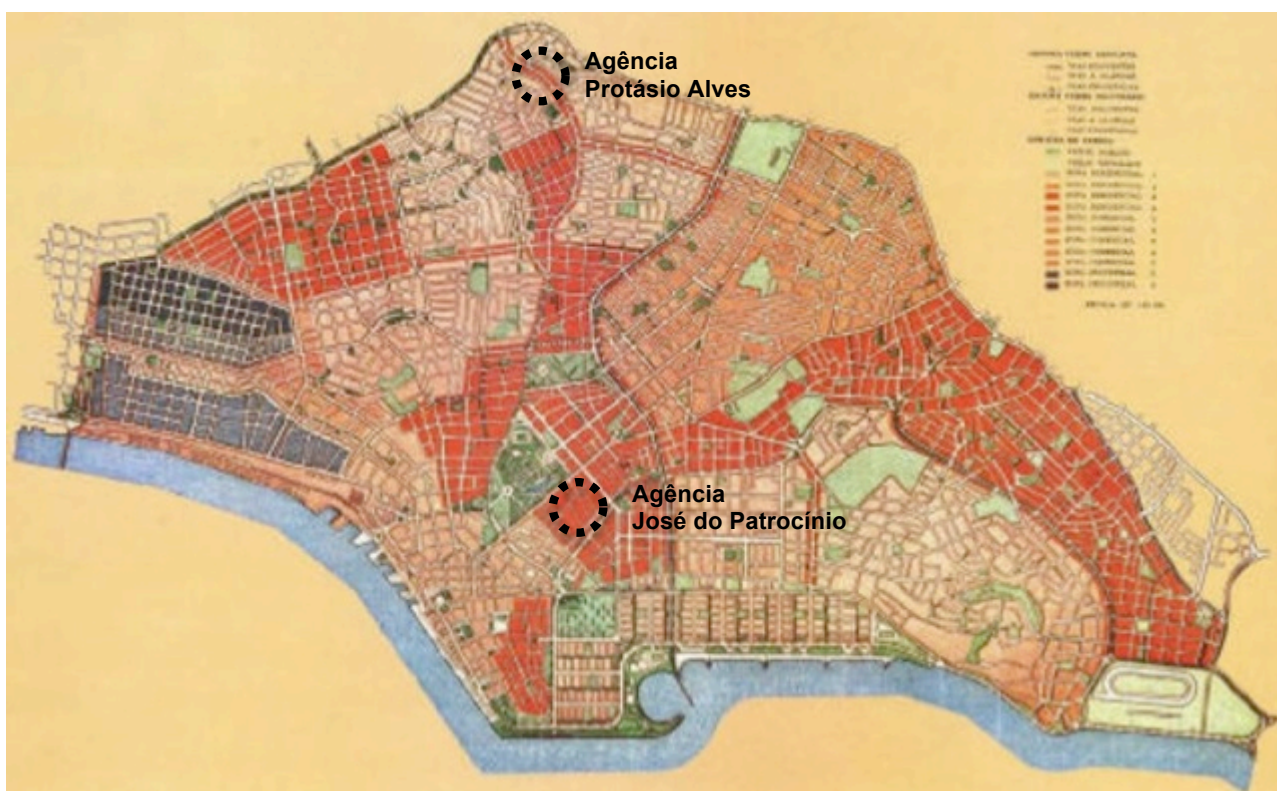


fig. 5 – Plano Diretor de 1959. Planta Geral com zoneamento, sistema viário e Projetos especiais. Fonte: ABREU FILHO (2006, p.247), manipulada pela autora Samantha Sonza Diefenbach.

## A COBERTURA - JOSÉ DO PATROCÍNIO

A edificação encontra-se na esquina das ruas José do Patrocínio com Alberto Torres, no tradicional bairro Cidade Baixa, onde se encontravam predominantemente casas tradicionais de pequeno porte à época da construção (fig.6). A estratégia compositiva tem por premissa a regularização visual da esquina através da grande cobertura em concreto armado, suportada por quatro colunas cruciformes. A volumetria é encerrada por vidro, com generoso recuo em relação a projeção da cobertura principal. Na parte posterior do lote trapezoidal se encontra adição horizontal opaca que contém a parte compartimentada do programa. Outra adição, vertical, é a do reservatório superior. O prédio é implantado em uma espécie de talude.

O programa é distribuído em dois pavimentos em meio nível em relação a cota da rua José do Patrocínio, que contém a entrada. Também, inteligentemente se acomoda na irregularidade do lote, forçando geometria quadrada no centro. Em termos funcionais há clara separação do público e funcionários. Originalmente o pavimento inferior, denominado “loja”, continha os caixas de atendimento ao público, assim como caixa-forte e arquivo. O pavimento superior foi projetado como espécie de mezanino. Predominantemente gerencial, foi originalmente destinado para as áreas compartimentadas da agência, na extremidade do lote, tais como banheiros e copa. Importa salientar que estes recintos não são encerrados pela cobertura principal em laje nervurada, mas sim por uma convencional. Como mencionado, ocorre que esta parte do programa apresenta-se como bloco opaco que se expande do volume envidraçado principal. Originalmente esta adição era pintada de branco, em contraposição ao cinza da cobertura principal.



fig. 6 - Agência CEF José do Patrocínio, Porto alegre/RS. Escritório Jorge Decken Debiagi, 1973. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.



São duas as circulações verticais, ambas escadas em concreto armado. A localizada na entrada é pública e apresenta-se como elemento articulador do vazio que percorre a fachada principal. A segunda, privada, localiza-se estrategicamente nas áreas destinadas aos funcionários, ao fundo (fig.7).

A estrutura principal caracteriza-se pelos quatro apoios de seção cruciforme que apoiam a laje nervurada de cobertura do abrigo. Sobre esta laje se desenvolve outra cobertura, tradicional, com telhas metálicas suportadas por treliças. No pavimento inferior predominam as cortinas de concreto armado, por tratar-se de subsolo. Na maioria dos espaços, a laje é deixada à mostra, enfatizando as linhas que a compõem. Quando conveniente há forro de gesso, técnico.

Em termos de materialidade, é visível a busca da expressividade natural dos elementos construtivos, principalmente do concreto (fig. 8 e 9). Vidro, madeira e pedra também fazem parte da caracterização da agência. Sem esquadrias, as fachadas envidraçadas são planos contínuos e proporcionam ampla relação interior-exterior. Os corrimãos das escadas apresentam a madeira natural, em generosas proporções. Os pisos originais são marcados pelos veios do mármore branco.

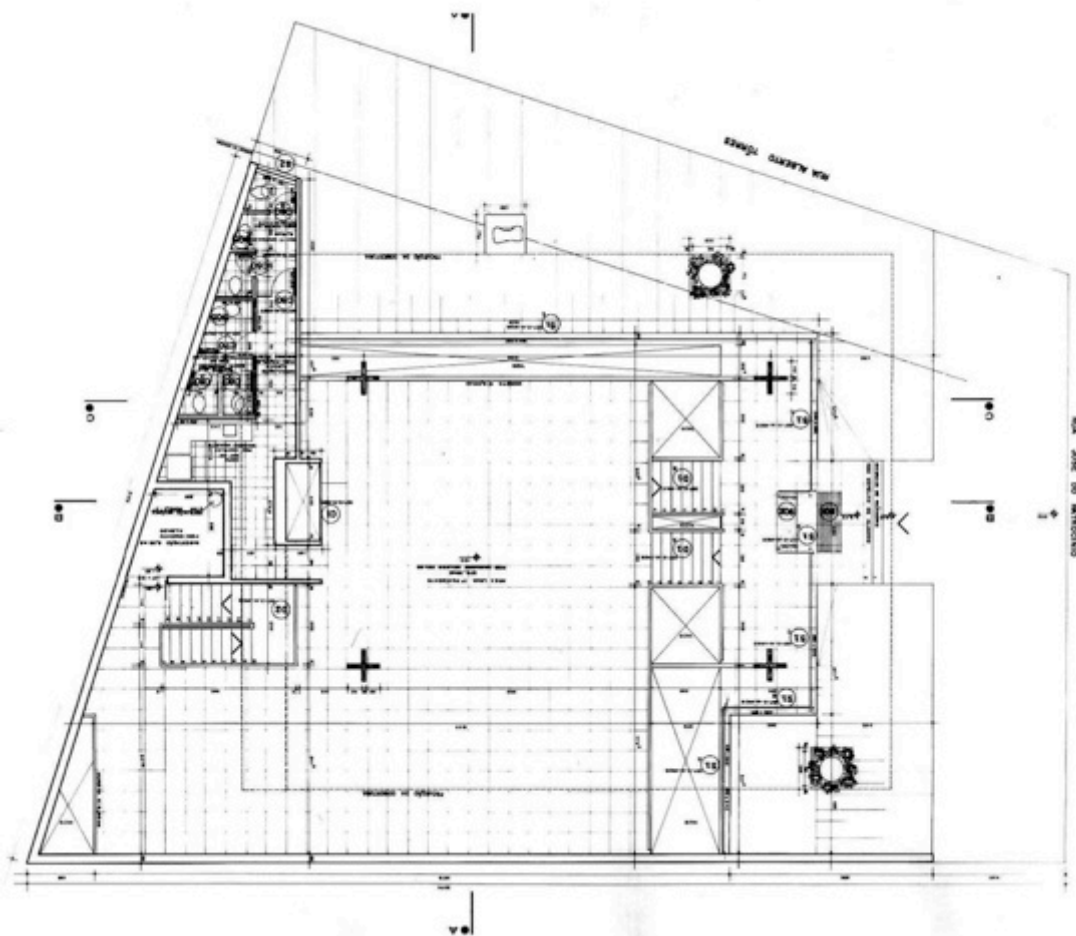


fig.7 - Agência CEF José do Patrocínio - planta do pavimento térreo. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

Além da ampla iluminação natural proveniente das fachadas envidraçadas, claraboias jogam luz difusa para o interior, principalmente no pavimento superior. Alguns vazios foram propostos, oferecendo iluminação natural ao pavimento enterrado (fig. 10). As luminárias entram em sintonia com a linguagem do edifício, colocadas estrategicamente em pontos específicos da laje. O mobiliário também foi projetado conforme a linguagem da edificação, no entanto proporciona contraponto cromático à uniformidade do cinza predominante. Na composição há destaque para os elementos de captação d'água pluvial como contraponto vertical à horizontalidade da cobertura. Estes foram pintados originalmente de laranja, talvez para citar a cor da casa adjacente localizada na rua José do Patrocínio.

As áreas abertas se resumem ao trato do talude. Este, de certa forma, dissimula o pavimento enterrado, fazendo crer que a agência funciona em apenas um pavimento. A operação paisagística é tratada com gramado característico, bem como por espécies arbustivas e algumas outras forrações vegetais. Outro aspecto importante a ser ressaltado é a proposição, desde os riscos iniciais, de uma escultura abstrata localizada no talude (fig. 11), a qual parece nunca ter sido implantada. Chama a atenção, também, os mastros propostos ao lado a fachada principal, bem como o letreiro característico da instituição que marca a entrada.

Com o tempo, o prédio sofreu adaptações que o descaracterizaram, haja vista a colocação de escada que leva aos atuais caixas eletrônicos e a supressão do talude voltado para rua José do Patrocínio.



fig.8 e 9 - Agência CEF José do Patrocínio - vistas internas. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

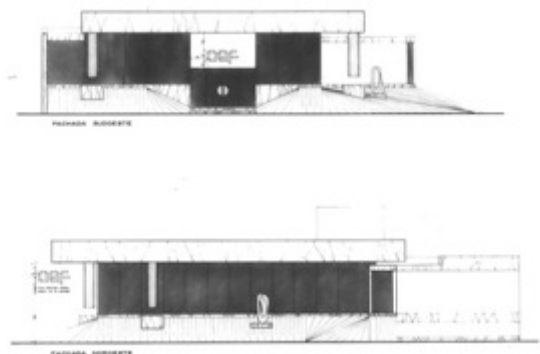
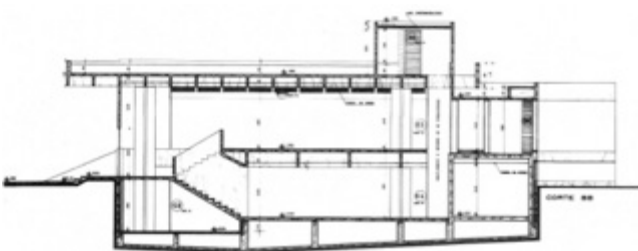


fig. 10 e 11 - Agência CEF José do Patrocínio - corte e fachadas. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.



## AS EMPENAS - PROTÁSIO ALVES

A agência situa-se na mais extensa avenida da cidade, Protásio Alves, nos primórdios denominada “Caminho do Meio”, que faz ligação direta com a cidade de Viamão, vizinha. Trata-se de terreno de meio de quadra, comprido. Pela perspectiva do projeto (fig. 12), se percebe que as edificações lindeiras apresentavam pequeno e médio porte, com destaque para a singela residência adjacente. A estratégia de projeto consiste na utilização de duas grandes empenas nas divisas, sendo o programa resolvido no sentido longitudinal, em dois pavimentos mais subsolo. O volume apresenta subtração na parte frontal, como espécie de pórtico com vigas transversais. Rampa de pequena inclinação marca a entrada.

Como dito, a agência apresenta três pavimentos: térreo, superior e subsolo. As áreas compartimentadas se apresentam no fundo do lote, destinadas aos funcionários. No térreo estão localizados principalmente os caixas e subestação (fig. 13). No pavimento superior, resolvido em mezanino, o atendimento gerencial. O subsolo é destinado à garagem, bem como por áreas reservadas aos funcionários.

As circulações verticais são elementos escultóricos do espaço. Duas escadas helicoidais, uma de maior porte, pública, e outra menor, privativa. A primeira localiza-se próxima a entrada, do lado esquerdo de quem adentra a edificação, percorrendo o vazio que marca a frontalidade da agência. A segunda, ao fundo, localiza-se praticamente no mesmo alinhamento da primeira, porém não apresenta a imponência desta, o que fica patente no trato da materialidade de seu guarda corpo.

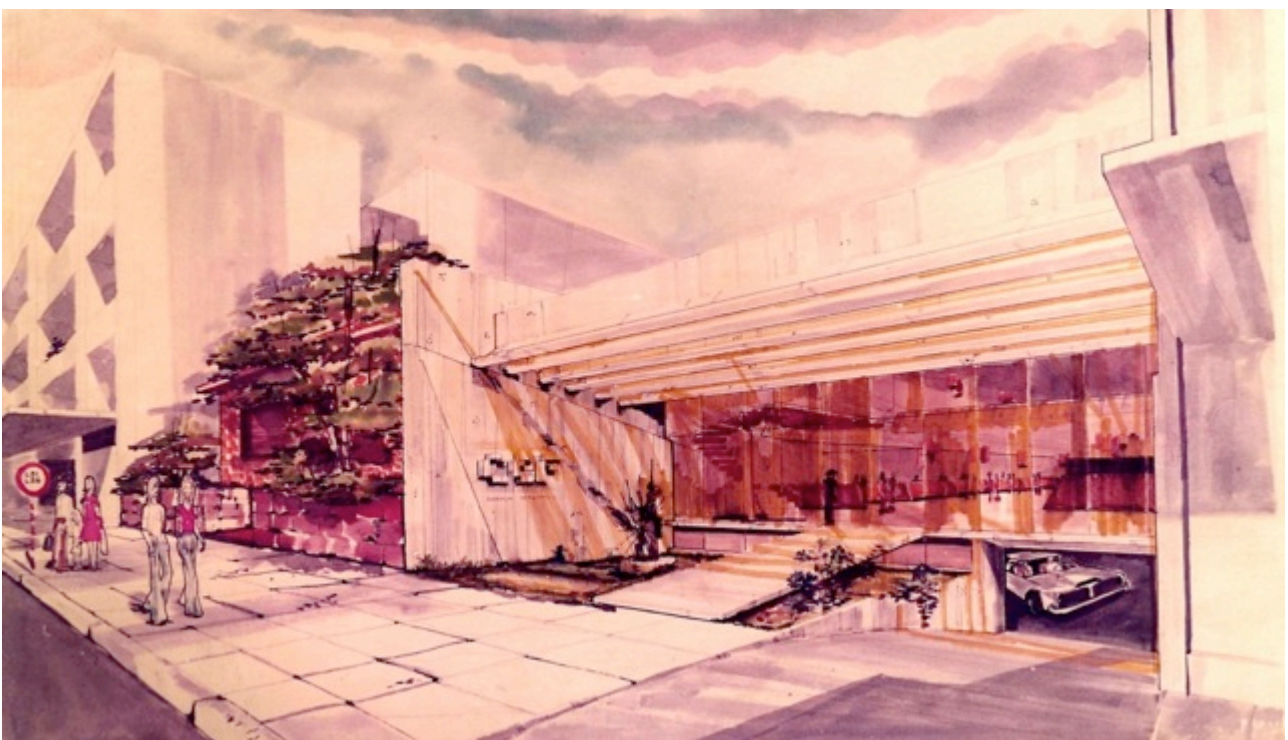


fig. 12 - Agência CEF Protásio Alves, Porto alegre/RS. Escritório Jorge Decken Debiagi, 1973. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

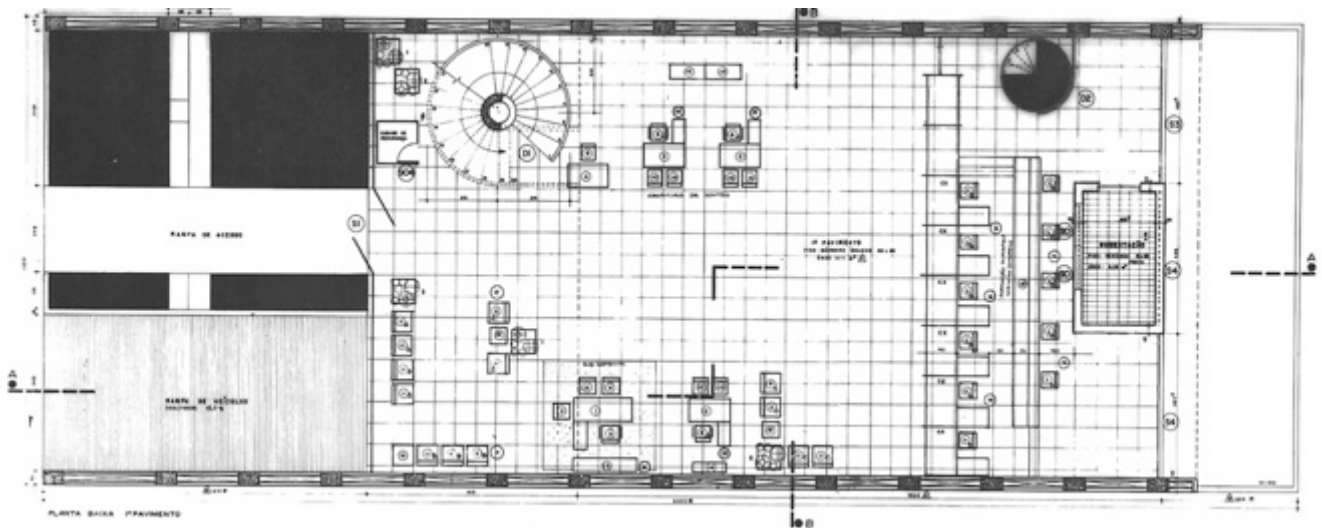


fig. 13 - Agência CEF Protásio Alves - planta do pavimento térreo. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

A estrutura (fig. 14) é marcada pelos elementos horizontais, vigas e lajes de concreto armado, visto que os pilares propriamente ditos se encontram dentro das empenas. Paredes duplas de alvenaria com vazios entre os elementos verticais completam as empenas, possibilitando a passagem de instalações pelos mesmos. As vigas são deixadas à mostra, dando bastante ênfase ao generoso vão livre do espaço, de aproximadamente 13 metros no sentido transversal. As lajes são convencionais, bem como a cobertura, em telhas metálicas.

A materialidade se fundamenta na busca pela honestidade expressiva dos materiais. Ainda que predomine a aparência natural do concreto armado, alguns elementos dos interiores são marcados pela coloração vibrante, como os tons de amarelo e laranja. Como já mencionado, as escadas e guarda-corpos são pintados de amarelo. Curiosos elementos decorativos abstratos conferem às empenas a linha diagonal, em tonalidades branca, vermelha, amarela e laranja. Do corte longitudinal se percebe que estes elementos seriam a continuação de linhas diagonais provenientes das vigas das claraboias, como se fossem raios de sol impressos nas empenas (fig.15). Também neste sentido, a sombra projetada por gradis localizados em pequenas aberturas na fachada posterior apresentam marcadas as linhas diagonais (fig. 16). Os planos de vidro da fachada principal não apresentam esquadrias aparentes. A madeira é percebida nos corrimãos das escadas e guarda-corpos e o mármore branco nos pisos.

A iluminação natural é conferida ao interior principalmente pela fachada principal. Além disso, claraboias conferem ao segundo pavimento também iluminação solar. Como há pequeno afastamento do prédio em relação à divisa posterior, janelas altas iluminam as partes compartimentadas da agência, no fundo, bem como no segundo pavimento generosa abertura proporciona luminosidade natural. Os elementos do pórtico, ao mesmo tempo que marcam a entrada principal da agência, garantem certo sombreamento ao interior, funcionando como quebra-sol.

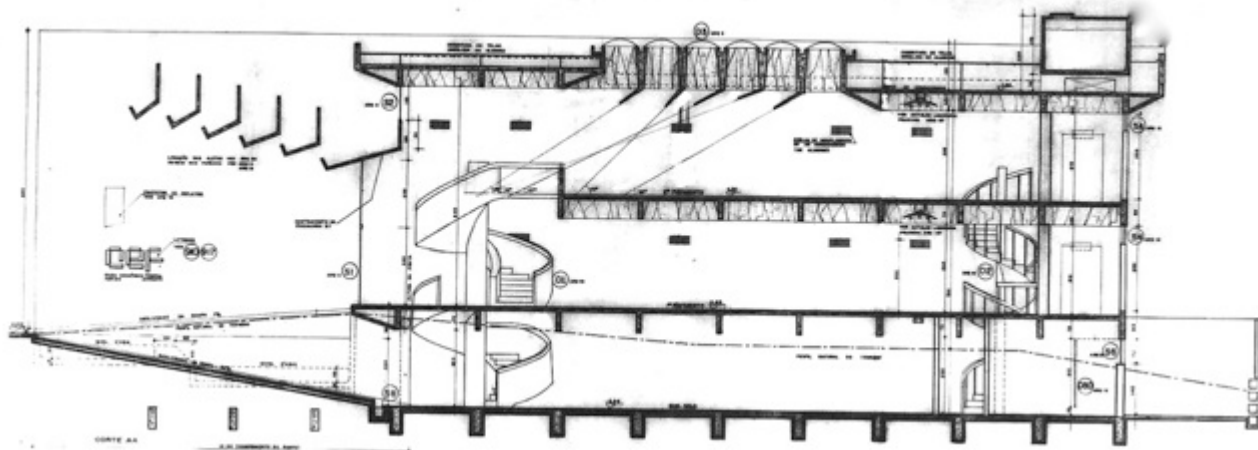


fig. 14 - Agência CEF Protásio Alves - corte longitudinal. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

A ambientação externa tem como foco o recuo do alinhamento do prédio em relação ao passeio. Adjacente à rampa de carros há um pequeno jardim com espécies arbustivas. Sobre este, a rampa de acesso principal da agência funciona como ponte.

O prédio sofreu consideráveis descaracterizações. Além da inserção de um canhestro volume que guarda os caixas eletrônicos no pavimento térreo, forro de gesso foi instalado sob as claraboias no pavimento superior. Também, elementos de programação visual e um gradil frontal descaracterizaram a imponente fachada do edifício.

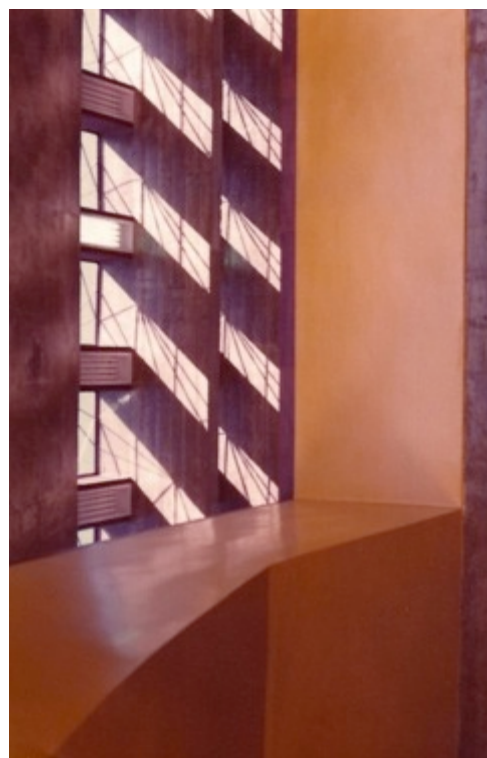


fig. 15 e 16 - Agência CEF Protásio Alves - vistas externa e interna. Fonte: acervo pessoal do arquiteto

## PARALELOS POSSÍVEIS - A COBERTURA ELEVADA

São fartos na história da arquitetura exemplares que demonstram a potência da grande cobertura. Desde os primórdios esta solução se impôs pela simplicidade e eficácia em resolver os mais diversos problemas arquitetônicos. A racionalidade sublime dos templos da antiguidade clássica nos assombra até hoje, destacando o plano elevado como reflexo do espaço divino na terra.

Excepcionalidade e singeleza permeiam o caráter desta solução, remetendo-nos também à cabana primitiva de Laugier<sup>5</sup>. Se a pureza intrínseca à grande cobertura serve em momentos de destaque e perenidade, como na *Neue Nationalgalerie*<sup>6</sup> de Berlim e no Partenon, instiga-nos também nos efêmeros toldos pampeanos<sup>7</sup>.

No caso da CEF José do Patrocínio a forma pura, por contraste, confere o destaque necessário a uma agência bancária inserida na morfologia tradicional do bairro Cidade Baixa. Modernidade e tradição dialogam em jogo de contraste e similitude. A espacialidade permeável do interior anuncia sua época de forma extrovertida, proporcionando ao fruidor experiência diferente dos aposentos encerrados nas habitações centenárias das imediações. Sua iluminação é abundante, que mais uma vez contrasta com o enclausuramento gerado pelos lotes de exígua testada e extensa profundidade. A quebra com o alinhamento destoa, amplifica e monumentaliza.

Ao mesmo tempo em que resguarda o seu programa, a cobertura elevada acolhe seus vizinhos na benevolente transparência de seus fechamentos. Como no abrigo-templo de Lúcio Costa em São Miguel das Missões<sup>8</sup>, parece devolver ao ambiente externo aquilo que lhe foi tomado, estabelecendo relação mais direta entre interior e exterior: fundamento da espacialidade moderna.

A riqueza dos diferentes níveis possibilita que as diversas funções atribuídas aos espaços se diluam em uma continuidade que amplifica a percepção da agência como um ambiente unitário. É a materialização da promenade arquitetural, que desenvolve a relação visual que vincula os níveis sem perder sua distinção. Vinculação esta semelhante à estabelecida na FAUSP, de Vilanova Artigas, que naquele caso refletia um posicionamento ideológico, pretensamente democrático. São análogos os casos do Ginásio em Guarulhos, de sua segunda residência própria, e também nas de Rubem Mendonça e Mário Bittencourt<sup>9</sup>.

A elevação da coberta impõe cuidado compositivo peculiar: o ponto de apoio torna-se elemento fundamental. Desde a antiguidade este elemento teve papel protagonista, em que basta observar a força representativa da coluna e capitel na caracterização das ordens clássicas. No caso da José do Patrocínio, a solução em coluna de seção cruciforme, além de responder bem às questões estruturais, remete aos exemplares paradigmáticos de Mies van der Rohe, principalmente em Barcelona e Brno: casos notáveis de como um elemento composto de materiais industrializados pode significar caracterização luxuosa sem necessariamente pompa. Também a já citada galeria de Berlim, em interpretação moderna da tipologia templária clássica.



No caso em estudo, a robustez da seção responde às necessidades físicas do material. Sua textura substitui o liso das propostas de Mies pelo áspero do concreto à vista.

O destaque dado aos tubos de queda é conotação da máquina que responde formalmente às necessidades técnicas, no caso, à resolução do escoamento das águas pluviais. A solução faz lembrar as gárgulas medievais, e também a capela em Ronchamp, de Le Corbusier. A valorização deste elemento é usual também na arquitetura moderna paulista, vide exemplos como a residência para Boris Fausto, de Sérgio Ferro<sup>10</sup>. Porém, na agência, o apelo à industrialização se faz mais presente, a partir da utilização de tubo de seção circular usado como peça de escoamento.

A CEF da José do Patrocínio demonstra, em sua forma destacada do contexto e na extroversão de seu espaço interno, o caráter social de suas pretensões como instituição: de alguma maneira, monumento. A relação com o lugar se torna complexa, visto que ao mesmo tempo em que rompe com o a morfologia do entorno, vincula seu espaço interior a ele (fig. 17), e o reflete através de seus planos envidraçados: atitude quase pós-moderna. A simplicidade da solução compositiva e estrutural sinaliza uma vinculação com o povo, bem como salienta o importante papel desta instituição no desenvolvimento do país.



fig. 17 - Agência CEF José do Patrocínio - vista da esquina. Fonte: acervo pessoal do arquiteto.

## PARALELOS POSSÍVEIS - ENTRE EMPENAS

O problema gerado pela necessidade de inserir uma agência bancária, tema excepcional, dentro de um lote tradicional em meio de quarteirão já estabelece, desde início, certo grau de dificuldade. Debiagi e seus colaboradores lançam mão de uma estratégia que se utiliza de duas grandes e opacas empenas que encerram o programa. Tal solução remete ao precedente histórico, guardadas as devidas diferenças programáticas, das casas Citrohan<sup>11</sup>, projetadas por Le Corbusier na década de 1920. Não somente as empenas laterais, que compareciam como principal elemento estrutural, mas a integração vertical entre dois níveis a partir de um espaço hierárquico de pé-direito duplo estabelecem notória semelhança. Sem esquecer o importante papel da circulação vertical em ambos os casos.

A utilização deste “tipo” acabou consagrada na arquitetura moderna, justamente por estabelecer a continuidade espacial almejada por Le Corbusier a partir da planta e fachada livres. A partir daí, espaços integrados entre si e com o exterior se desenvolveram em exemplos bastante conhecidos, como no pavilhão *l'Esprit Nouveau*<sup>12</sup>, do próprio, e atravessou o Atlântico, como nos casos do Ministério da Educação e Cultura, Cassino e igreja da Pampulha.

A circulação vertical helicoidal, que domina o ambiente principal da agência, guarda semelhança com a escada projetada pelo próprio arquiteto Jorge Debiagi em sua própria residência<sup>13</sup>, que data de um ano antes do projeto para a CEF Protásio Alves. É claro que, no caso do uso de escadas e rampas como elementos destacados em espaços, não se pode esquecer a consagrada Villa Savoye, que demonstra ricamente as estratégias puristas de Le Corbusier com o uso de objetos-tipo.

Novamente, o concreto aparente é a textura predominante. Sua expressividade aplicada à grande estrutura de cobertura, claraboias e elementos de sombreamento exhibe a robustez típica da escola brutalista. Neste aspecto, o contraste da alvura das empenas com a proeminência da estrutura vincula a proposta à arquitetura de Joaquim Guedes, que tem como referência mais distante a distinção de materiais entre fechamento e estrutura preconizada por Le Corbusier nas casas Jaoul.

Foi tirado partido dos grandes planos opacos das divisas. A luz obtida a partir das fachadas envidraçadas e das claraboias iluminam as grandes superfícies brancas, que por reflexão adentram o espaço interno. Esta situação é bem vinda, visto o confinamento lateral promovido pela adoção do partido entre empenas. Os apliques lúdicos nas mesmas dão provas que a iluminação foi pensada como elemento chave do projeto, que rompem com a rigidez dos planos laterais. A atitude faz lembrar as obras neoplasticistas de Theo Van Doesburg e seu Café *l'Aubette*<sup>14</sup>.

Apesar de sua posição desfavorável, a CEF Protásio Alves responde bem aos problemas impostos pelo lote. O acesso recuado, animado pelos seis brises, amplia a escala da entrada e



confere a necessária hierarquia com o destaque da edificação de seu contexto. De fato, esta espécie de pórtico confere o caráter monumental que também se espera de uma instituição deste tipo. Sendo assim, a habilidade demonstrada pelos autores em resolver problemas como este, faz deste prédio um exemplo de como a compreensão do lugar aliada ao repertório disciplinar podem transformar condicionantes em soluções minimamente qualificadas.



fig. 18 - Agência CEF Protásio Alves - vista a partir do mezanino. Fonte: acervo pessoal do arquiteto

## **DOIS PROJETOS, UMA ABORDAGEM**

Estabelecidas as diferenças na resolução de um mesmo problema - agência bancária estatal - importa aqui salientar também os aspectos comuns. Bem se sabe que lugar, programa e técnica são os principais estimulantes da forma, principalmente no que se refere a abordagem moderna da arquitetura. A diferenciação básica, neste caso, se estabeleceu principalmente pelo caráter do lote: esquina x meio de quadra. O programa é praticamente o mesmo. A técnica também.

Se percebe que há notável preocupação com a caracterização do programa lançando-se mão de certa monumentalidade: aqui não ostentatória. Através de uma diferenciação do contexto, pela quebra dos alinhamentos tradicionais e, também, por certo aspecto grave conferido pela

rusticidade do material, as duas propostas não deixam dúvidas sobre a natureza do programa que encerram.

Também transparência é característica esperada por este tipo instituição, ainda mais destinada, grosso modo, ao povo. Neste sentido, a espacialidade democrática proporcionada pelos mezaninos é acertada em ambos os casos e faz jus às referências disciplinares adotadas. As grandes superfícies envidraçadas colaboram para tanto, principalmente na extroversão do caso da rua José do Patrocínio. Apesar de intimista pela sugestão do lote, na avenida Protásio Alves esta transparência é percebida em seu envidraçamento frontal (fig. 18).

De fato, as semelhanças se fazem principalmente no trato dos elementos de arquitetura e da materialidade natural dos mesmos. Guarda corpos, corrimãos, claraboias, esquadrias, cores e tantos outros aspectos, conferem às agências certo ar de família, neste caso brutalista. A ênfase tectônica constitui fundamento desta linguagem, e os exemplos estudados não fogem à regra. Claro, os exemplares aqui estudados não podem ser comparados ao vulto das grandes obras do gênero.

Em suma, interessa apontar o modo com que os dois projetos responderam, utilizando-se de uma linguagem sedimentada da cultura arquitetônica moderna, às distintas situações urbanas. Tais respostas, bastante coerentes sintaticamente, comprovam que o chamado brutalismo apresentasse-se como linguagem arquitetônica aberta, adaptável conforme as contingências. Não é em vão que ainda se vê muito por aí.

### **Bibliografia:**

ABREU FILHO, Silvio Belmonte de. **Porto Alegre como cidade ideal. Planos e Projetos urbanos para Porto Alegre**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PROPAR/UFRGS, 2006.

ALMEIDA, Guilherme Essvein de; ALMEIDA, João Gallo de; BUENO, Marcos. **Guia de Arquitetura Moderna em Porto Alegre**. Porto Alegre, PUCRS, 2010.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. – 4. Ed. – São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

CARTER, Peter. **Mies van der Rohe at Work**. Londres: Phaidon, 2011.

COMAS, Carlos Eduardo (org.). **Lucio Costa e as Missões: um museu em São Miguel**. Porto Alegre: PORPAR/UFRGS: IPHAN/12aSR, 2009.

FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna**. – 1. Ed. – São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003.

LUCCAS, Luís Henrique Haas. **Arquitetura moderna brasileira em Porto Alegre: sob o mito do “gênio artístico nacional”**. Porto Alegre: PROPAR/ UFRGS (Tese de Doutorado em Arquitetura), 2004.

\_\_\_\_\_. **O sul por testemunha: declínio da hegemonia corbusiano-carioca e ascensão da dissidência paulista na arquitetura brasileira anos 50**. São Paulo: Pós – Revista do

Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 27, p. 46-65, 2010. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/posfau/n27/04.pdf>, acessado em agosto de 2013.

\_\_\_\_\_. **Quando o efêmero se perpetua: um pavilhão em Porto Alegre no começo dos anos sessenta.** *Arquitextos* n. 135.07, 07/2011. Disponível em <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.135/4001>, acessado em agosto de 2013.

SOUZA, Celia Ferraz de ; MULLER, Doris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

WEIMER, Günter. **A arquitetura.** Síntese rio-grandense. 2. ed. Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre.** São Paulo, Pini, 1987.

---

<sup>1</sup> LUCAS, Luís Henrique Haas. **Quando o efêmero se perpetua: um pavilhão em Porto Alegre no começo dos anos sessenta.** *Arquitextos* n. 135.07, 07/2011. Disponível em <http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/12.135/4001>, acessado em agosto de 2013.

<sup>2</sup> Conforme relato pessoal ocorrido no seu escritório, em 15.04.2013.

<sup>3</sup> Todos os projetos citados tem participação do arquiteto José Carlos Barcellos Campos. As datas de projeto são informadas em seu currículo lattes (acesso em abril de 2013), que serviu de base para a catalogação acima. Segundo consta, os projetos do Rio Grande do Sul são datados de 1973. A sede da capital paulista, de 1977 e os demais daquele Estado, 1979. A sede de Brasília data de 1980. As informações precisas sobre os projetos ainda precisam ser verificadas, pois alguns deles podem não ter sido executados.

<sup>4</sup> SOUZA, Celia Ferraz de ; MULLER, Doris Maria. **Porto Alegre e sua evolução urbana.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p. 102-106.

<sup>5</sup> FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna.** – 1. Ed. – São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003, pág. 5.

<sup>6</sup> CARTER, Peter. **Mies van der Rohe at Work.** Londres: Phaidon, 2011, pág. 99.

<sup>7</sup> WEIMER, Günter. **A arquitetura.** Síntese rio-grandense. 2. ed. Ed. Universidade/UFRGS, 1998.

<sup>8</sup> COMAS, Carlos Eduardo (org.). **Lucio Costa e as Missões: um museu em São Miguel.** Porto Alegre: PORPAR/UFRGS: IPHAN/12<sup>a</sup>SR, 2009.

<sup>9</sup> Revista 2G n. 54. **João Vilanova Artigas.** Barcelona: Gustavo Gili, 2010.

<sup>10</sup> BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil.** – 4. Ed. – São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003, pág. 317.

<sup>11</sup> BOESIGER, Willy. **Le Corbusier. Complete Works vol. 1.** Basel, Boston, Berlim : Birkhauser Publishers, 2006 (ed. orig. 1929), pág. 31.

<sup>12</sup> Idem, pág. 97.

<sup>13</sup> XAVIER, Alberto; MIZOGUCHI, Ivan. **Arquitetura Moderna em Porto Alegre.** São Paulo: Ed. Pini, 1987, pág. 121.

<sup>14</sup> FRAMPTON, Kenneth. **História crítica da arquitetura moderna.** – 1. Ed. – São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2003, pág. 171-178.